ANO 3.° LISBOA--SABADO, 22 DE SETEMBRO DE 1923 N.° 756

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Seculo, 43

UM dos mais interessantes e dos mais vernaculos escritores dos ultimos anos—daqueles que não fazem oficialmente a carreira das letras, mas são os grandes letrados e os espiritos gentis de pose e da graça literaria portuguesa—foi o visconde Santo-Tirso, cujo livro *De Rebus Pluribus*, de edição Aillaud, acaba de entrar na segunda edição.

Não é um livro vulgar, e muito menos não é uma obra trivial esta do eminente posador, que foi um dos mais elegantes e fidalgos tipos de homem de espirito do seu tempo. A diplomacia, que o teve por esse mundo da intriga internacional, e poz a par da cultura requintada das cortes da Europa e das Americas—tal qual sucedeu ao marquês de Soveral, não o abastardou. Contemporaneo de Eça, de Ramalho, de Ficalho, de Lobo de Avila, de Junqueiro, que ele acompanhou e criticou impiedosamente; discipulo de Stendhel e de Beyle; grande conversador e esfusiante temperamento critico, de uma graça diafana e originalissima, Santo Tirso, que a morte arrebatou ha poucos anos, não foi um grande escritor, sob o ponto de vista da expansão da sua resumida obra, só porque as exigencias das chancelarias o impediram, sem que lhe maculassem a pureza intencional e impertigada da maneira.

Antonio Candido—morto tambem já—na profecia deste livro magnifiico disse, depois de ter evocado o seu tempo: «Este livro é como uma conversa sua continuada... A sua pena não fere, não ofende, não ridiculariza pessoas nem crenças. Respeita-as, umas e outras: as pessoas se têm caracter apreciavel, as crenças se são de boa fé evidente... Nas paginas que vão ler-se a filosofia, a educação, o temperamento do autor velam, ou disfarçam a intima sensibilidade dele, contida pela força dos habitos adquiridos e pelo que ele considera a sua honra literaria».

De Rebus Pluribus, que o Brasil exgota como um livro mestre, recomenda-se aos que pensam, aos que gracejam e aos que preferem duas boas paginas de prosa discreta e sadia a todas as iguarias estonteantes dos classicismos exagerados ou dos modernismos espaventosos.

* * *

A *GRALHA* é um bicho malcriado que tem o mau costume de alterar o sabor do cosinhado que quotidianamente fornecemos ao publico, a troco da modica quantia de 20 centavos.

Ontem, entendeu que devia fazer teatro das suas proezas, as duas colunas em que estampámos os interessantes numeros fornecidos pelo sr. comandante Peres Trancoso. Depois de varias proezas de minima importancia, atribuia á fortuna publica portuguesa, antes da guerra, um valor de 100 milhões esterlinos, quando tinhamos escrito 600.

Não tencionavamos fazer esta rectificação. Mas como o *Seculo*, sem a minima referencia ao *Diario de Lisboa*, fez hoje publicar um resumo da entrevista do sr. Peres Trancoso, resumo em que o descuido de revisão não sofreu correcção, entendemos que os leitores não teem a obrigação de ser mais atentos que a redacção do importante rotativo da manhã...

* * *

NA pagina do Estrangeiro publicamos um artigo do interessante artista sr. Humberto Pelagio, que representa a sua opinião pessoal sobre a atitude do general Primo de Rivera para com o separatismo catalão.

A Espanha de hoje

Um nome enche agora a Espanha—o de Primo de Rivera.

O presidente do directorio militar vive a hora mais intensa e enigmatica da sua popularidade.

Ele promete um mundo novo aos que põem nele as suas esperanças. Anuncia a morte dum mundo velho aos que tão mal serviram a sua Patria.

Toda a revolução, de que foi e é o chefe incontestado, aparentemente parece reduzir-se a uma simples mudança de homens. Os militares sucederam aos civis. O movimento, porém, aumenta em profundeza, começando a despertar as almas cansadas de tão longa espectativa.

Que vai passar-se?

Já varias vezes formulámos esta pregunta, mas os espanhois a quem nos temos dirigido respondem-lhe com càutela.

Receiam enganar-se nas suas previsões?

Os povos que a politica de conveniencias e negocios ludibriou não gostam de sofrer mais logros.

Toda a Espanha deseja ardentemente resgatar-se dum passado cheio de más recordações. Primo de Rivera é um idolo, pois nele revive o orgulho duma raça nobre.

Detem nas suas mãos a fôrça e nem por isso se sente disposto a deixar de ser justo.

Tem diante de si uma tarefa enorme que ele quere realisar sem perder o seu bom humor.

Manda e a sua vontade é obedecida sem protestos nem rumores.

No ministerio da Guerra, onde se encontra quasi sempre, trabalha-se de dia e de noite.

A sua presença inspira confiança. O ilustre chefe militar tem uma maneira simples de arcar com as responsabilidades da ditadura—não dá tempo a discussões e a criticas morosas e molestas.

Para a frente é que é o caminho!

No entanto, apesar do entusiasmo, dos aplausos que acolhem os seus decretos, as apreensões ainda não desapareceram completamente. Aguarda-se a solução do problema marroquino. Se este fôr encaminhado rapidamente para a desafronta do brio nacional, tudo irá bem. Marrocos é um ponto de honra e um ninho de pesadêlos. A renovação da politica interna e externa de Espanha está no Rif.

Quizeram os fados que, numa região da velha Libia, regada com o sangue de muitas raças que inutilmente tentaram dominá-la, os espanhois se vejam obrigados a buscar a estrada do seu destino.

Que força ou que ambição os levou até lá?

Não sabemos, visto que a historia só se desanuvia, quando os factos deixam de ser vida, para se tornarem narração ou lenda.

Os ultimos governos constitucionais impediram que o exercito organizasse livremente a guerra contra o inimigo. Este atacava, quando queria. O soldado espanhol recebia ordens de Madrid. O interesse dos politicos danificava o exito das operações. Perdiam-se vidas, fazendas, gestos de bravura e arranques heroicos...

O povo murmurava, mas, em vez de apontar os culpados, castigando-os, voltava-se contra as vitimas. Estas nem ao menos se podiam defender. Os uniformes quasi se envergonhavam de aparecerer em publico. A espada temia a voz da calunia.

Como esmagar a injustiça?

Porventura a verdade teria de ficar eternamente com a face velada?

As coleras rugiam, mas os braços mantinham-se inertes. Veio a questão palpitante e fumegante do apuramento das responsabilidades...

Todas as paixões se lançaram nela, com odio, com raiva e com fragor. A consciencia da Espanha nublou-se. A voz honesta dos bravos e dos patriotas perdeu-se na medonha confusão. O governo não governava. A opinião publica delirava. Os boatos enchiam de perturbação as cidades e os campos. Nas proprias casernas, se repercutiam os ecos da desordem. Os saparatistas cuspiam na bandeira da Patria. Os pistoleiros matavam, roubavam e sumiam-se nas trevas da noite.

Alguem chegou a indagar:

—«Existe ainda a Espanha?»...

Primo de Rivera é a afirmação duma certeza que se dissolvia na ansiedade e no desespero. Que pretende ele? Retirar a Espanha da garra dos politicos. Esta operação que muita gente reputa facil é trabalhosa e perigosa como poucas.

Para conseguir o seu intento, terá de arrancar a nova Espanha do seu proprio peito, para ficar sã e escorreita. Coração não lhe falta para isso...

Madrid, 20

Joaquim Manso

AO eco que ontem inserimos, ácêrca da mesquinhez com que os editores espanhoes retribuem os direitos de propriedade dos livros de escritores portugueses, podemos fazer um pequeno aditamento:—O sr. Manuel Ribeiro, autor bem conhecido e apreciado da *Catedral* e do *Deserto*, cedeu recentemente os direitos de tradução de uma novela sua. Publicou-se, teve larga extração e despertou grande agrado. Pois o logrado escritor ainda a esta hora espera a agradavel visita do numero de pesetas porque convencionara a operação...

* * *

NÃO costumamos rectificar «gralhas». Mas a que saíu ontem neste local a proposito de policias que por «trop de zèle» multam sem motivo digno de atenção, precisa de emenda. Nós escrevemos, referindo-nos á policia: «Mas não se esquece, por dá cá aquela palha de incomodar quem de automovel transita pela cidade, com respeito pelas posturas e pelos que andãm a pé.»

O «com» foi transformado em «sem»—sem que disso tivessemos tido a minima culpa... Fica feita a rectificação. Que ela sirva, ao menos, para relembrar ao sr. comandante da policia o nosso alvitre de ontem.

* * *

O SUMARIO do n.° 38 dos *Fantoches* panfleto de Rocha Martins, é o seguinte: «Carta aos generais portugueses acêrca dos seus camaradas espanhois», «As balas do funcionario», «A vida politica de dois Costas», «Coisas a fixar sobre a explosão no Porto», «A comenda de Cristo e os cigarros...»

* * *

DO nosso ilustre director sr. dr. Joaquim Manso, que se encontra em Madrid, recebemos hoje a primeira cronica com as suas impressões pessoais dos acontecimentos que se estão desenrolando em Espanha.

* * *

PELA provincia de Angola, vai ser fornecida a mão de obra para a provincia de S. Tomé, em vista da dificuldade com que as roças desta provincia lutavam para a conseguir.

* * *

CHEGOU hoje ao Tejo o «destroyer» «Douro» da nossa marinha de guerra que tem andado em serviço de fiscalisação de pesca.

* * *

O GOVERNO espanhol enviou um oficio para o comissario geral da policia de Lisboa, pedindo uma fotografia dum oficial, dum chefe, dum cabo e dum guarda.

* * *

PELA «Ordem do Exercito» ontem publicada foi promovido a posto de general o sr. Luís Manuel Domingues, oficial distinto e antigo lente da Escola de Guerra.

* * *

FOI enviado para o *Diario do Governo*, um decreto fixando sobretaxas sobre varios artigos de exportação, cujo rendimento reverterá a favor do fundo de credito agricola e das caixas de credito agricola.

Pelo «sport»

PELOS «COURTS»

Os campeonatos de «tennis» em Cascais

Nos proximos dias 23, 25, 27, 29 e 30 realisam-se em Cascais os anunciados campeonatos de «lawn-tennis, em que tomam parte, além dos principais jogadores portugueses, os grandes jogadores espanhois Conde de Gomar, Eduardo Flaquer e José Morales.

Mas uma das maiores atracções do campeonato deste ano, é a vinda de M.elle Suzanne Lenglen, detentora do titulo mundial, e de cujo valor dissemos nós ante-ontem, publicando o seu «récord» nestes cinco ultimos anos, em que ela conquistou outros tantos campeonatos do mundo.

Este ano, quando em Winbledone, Lenglen se bateu com Mrs. Mallory, detentora do ti-

tulo americano, formou-se bicha nas bilheteiras, ás 4 horas da manhã.

Suzanne Lenglen entra nos campeonatos de Cascais, em «singles» e em «mixed-doubles». Independentemente disso, para que o nosso publico a possa apreciar devidamente, fará uns «exhibition-matches», jogando em «mixed-double» contra um «double-men».

Não se sabe ainda ao certo, o dia da chegada de M.elle Lenglen, pois que ela se encontra actualmente disputando campeonatos em Bilbao, campeonatos que tiveram de ser adiados, em virtude do mau tempo.

Consta-nos mais que o club organisador — Sporting Club de Cascais — espera ainda receber a inscrição do grande jogador francês Blanchy.

AO SOM DO «GONG»

Da America

— Jack Dempsey declarou que, desde que Paddy Mullins, «manager» de Harry Wills, procurou impedir a realisação do combate Dempsey-Firpo, nunca mais consentirá que Wills o encontre para o campeonato do mundo.

— Mike Mac Tigue, vencedor de Siki, bater-se-ha com Johny Stribling, no dia 4 de outubro. Depois, o pugilista irlandês encontrará Harry Greb.

— A «Boxing Comission de New York», proibiu encontros entre negros e brancos — razão porque se não realisará o «match» desforra Siki-Mac Tigue.

Fala-se vagamente num combate Siki-Wills.

PELOS CLUBS

Hockey Club de Portugal

No campo de jogos do Hockey Club de Portugal, em Sete Rios, e na secretaria do Club, na rua de S. Paulo, 118, 1.º, está aberta a inscrição para os socios que desejem tomar parte nos grupos de «foot-ball» na epoca presente.

A's Senhoras

Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro.

Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo

QUEM QUER

VESTIR BEM E BARATO

confronta os preços do

DEPOSITO DA COVILHA

porque vende directamente da fabrica ao consumidor esplendidas fazendas de lã para fatos e vestidos

TEM ALFAIATES

LÃS EM FIO PARA MALHAS

ROCIO, 93, 2.º ANDAR

Telefone 4670-N. — Ascensor

Filial, R. do Ouro, 206, 1.º (entrada Loja da America)

MAQUINAS DE ESCREVER

«CONTINENTAL»

PARA ENTREGA IMEDIATA

Telefone N. 3158 **Oliver, Lim.** R. Prata, 250, 2.º

CRONICA FINANCEIRA

As obras

hidraulicas

e o fomento agricola

O nosso muito prezado colega portuense *Jornal de Noticias*, hoje o periodico mais espalhado e mais lido no norte do país, referia-se, na sua ultima cronica *Economia e Finanças*, á nossa cronica financeira de sabado ultimo.

Em termos muito de agradecer, respondia ás nossas preguntas, feitas na nossa carta anterior, com cifras que, segundo o citado colega portuense, exprimiriam o montante da circulação fiduciaria portuguesa ao serviço do comercio e da industria, e o que o Estado traz ao serviço das suas proprias necessidades. Esses numeros, que o *Correio da Manhã* tambem publicou e que nós não sabemos se transcreveu do *Jornal de Noticias* ou se os foi buscar á mesma fonte, não são exactos, embora andem muito proximo da verdade.

Em fins de 1914, com uma circulação fiduciaria que andava por 93 a 94 mil contos, as proporções eram estas:

Estado.........	21.000 contos
Praça..........	72.000 »

Pela lei de 22 de dezembro de 1922, o Banco emissor, que tinha a circulação fiduciaria propria em 140.000 contos, foi autorisado a eleva-la a 160.000 contos.

O *Boletim Semanal* do Banco de Portugal, n.º 32, referente a 15 de agosto, a cifra global das notas em circulação era de: Escudos 1.260:244:875$50.

Como a circulação fiduciaria propria do Banco é de 160 mil contos, é bem facil saber a proporção:

Estado: 1.260:244.875$50 — 160.000.000$00 = = 1.100.244.875$50

Praça: 160.000.000$00

Aqui está bem patente a prova de que a inflação se não pode atribuir á Praça e aqui fica bem expressa a desproporção da materia circulante de que o Banco Emissor dispõe para atender as necessidades da Praça.

Basta reflectir no valor nominal que hoje teem os 72 mil contos que em 1914 andam ao serviço da Praça para se reconhecer que é insuficientissima a circulação fiduciaria destinada ao fim do comercio e da industria, supondo mesmo que uma e outra são hoje o que eram há 9 anos, sem que nenhum desenvolvimento se houvesse dado no volume das suas transacções.

* * *

Conforme hemos prometido, vamos hoje fazer nova referencia ao Fomento Agricola, relembrado pelo ultimo decreto.

O primeiro estadista que mandou estudar a albufeira de Aviz foi Emidio Navarro, que pensou ainda efectivar esses estudos na fraga do Maranhão, proximo de Aviz. A iniciativa não teve seguimento. Dormiu largos anos até que a competencia que é o dr. Fernandes de Oliveira, quando ministro da Agricultura, resolveu efectivar a albufeira do Maranhão, no Raia. Mas encontrou-se só com ante-projecto. Deixando de gerir a pasta, o sr. dr. Fernandes de Oliveira lembrou-se em boa hora, de dedicar ao problema a sua actividade, constituindo a *Sociedade de Aproveitamentos Hidraulicos*, com o nunca esquecido Patricio dos Prazeres e mais oito amigos. Lançou, então, as bases de estudo da bacia hidraulica do Sorraia para a sua irrigação.

Iniciaram-se esses estudos á custa da dita *Sociedade de Aproveitamentos Hidraulicos*, hoje reforçada pela inclusão nela do patriotico *Banco Nacional Agricola* que entrou para a empresa com um capital igual á soma das quotas dos dez socios fundadores.

Muito adeantados já, esses estudos permitem afirmar-se que a irrigação do vale do Sorraia será feita á custa de 3 barragens: 1.ª Na Ribeira do Raia, no sitio denominado O Subiadouro; 2.ª Outra na Ribeira do Têra, proximo a Pavia; 3.ª No vale do Sôr, junto á povoação denominada Ponte do Sôr.

O canal, cujo estudo está feito até abaixo de Coruche, sae da Ribeira do Raia, no ponto cognominado Furadouro, abaixo de Móra, prolongando a sua acção até á Leziria de Vila Franca.

A importancia desta obra pode e deve ser verificada sob varios aspectos: economico, social e até climaterico.

Sob o ponto de vista economico, chama imediatamente á irrigação e consequente valorisação o melhor de 40:000 hectares de terra marginal do Sorraia. Nesta grande superficie pode e deve actuar de duas fórmas: De verão, dando á terra o elemento que a secura alemtejana lhe tira; de inverno, permitindo fixar as aluviões arrastadas pelas cheias, nas superficies arenosas que assim rapidamente serão enriquecidas e chamadas á cultura intensiva.

Duma terra pobre vae-se passando para uma terra fisicamente diferente e quimicamente mais rica.

Chama-se a isto *colmatagem*.

No Alemtejo ha albufeiras de *colmatagem* e de *regadio*, as primeiras mais numerosas, as de regadio poucas e pouco importantes.

As primeiras servem para reter as aguas e obrigá-las a depositar os nateiros. Pegando na agua da barragem e atirando com ela, emquanto tem os principios ricos em suspensão, vae enriquecendo os terrenos.

Ainda economicamente trazem as barragens a construir esta vantagem: cada uma delas é a origem de produção de energia electrica que se traduz por milhares de cavalos e com que se poderá transformar a economia agricola da região interessada.

Sob o ponto de vista *social*, interessante é tambem este problema hidraulico, porque sendo a região atravessada de *média* e *grande* propriedade pelo facto de passar da cultura de *sequeiro* a *regadio* sai logo da esfera de acção do *médio* e *grande* proprietario, para ser do pequeno cultivador. E' fixadora segura dos nucleos novos de povoação, presos á terra ou na qualidade de seareiros coparticipantes do proprietario ou de foreiros, ou proprietarios perfeitos porque a parcelação da propriedade acabará por se impôr.

Sob o ponto de vista *climaterico*: não podem ser indiferentes á secura caracteristica daquela região, superficies de evaporação como serão as barragens referidas, das quais a do Subiadouro dá um represo de 23 quilometros de comprido, a do Têra outro de 14 a 16 quilometros e a do Sôr de não menor importancia, cerca de 60 quilometros de comprido, de superficie submersa.

Acresce que os 40:000 hectares irrigados por sua vez se conjuguem n'este fenomeno de evaporação e tudo junto deve trazer a boa consequencia indicada.

Pequena obra esta se a compararmos com o que a visinha Espanha tem feito em materia hibraulica, visto que esta já hoje irriga mais de um milhão de hectares e tem obras iniciadas que devem elevar aquela superficie a mais de 3 milhões. Conseguiu isto mercê da sua legislação hidraulica modelar, estimulando a creação de sindicatos de rega, aos quais o Estado faculta gratuitamente 50 % da verba orçamentada para a obra, empresta 25 % a um juro e amortisação baixissimo, cabendo aos sindicatos apenas a obrigação de financiar 1/4 de despeza.

Terminada a amortisação da 4.ª parte emprestada, o sindicato fica proprietario de todo, apenas 1/4 do reembolso.

Essa legislação está hoje adaptada ao nosso meio agricola, e é á sombra dela que a *Sociedade de Aproveitamentos Hidraulicos e do Banco Agricola* se fundou.

Cumprirá o Estado?

* * *

Outra obra hidraulica está a estudar-se: mais pequena, para se educar o pessoal e para habituar o governo a aplicar a sua propria legislação: o vale do Almansor, ou melhor da Ribeira de Camba, que é como é mais conhecido. Trata-se aqui de uma simples barragem a fazer abaixo de Montemor-o-Novo, susceptivel de produzir electricidade para iluminação, não só desta importante vila mas das proximas, irrigar o melhor de 1.600 hectares de terrenos marginais da dita ribeira.

Como um dos objectivos da nova legislação sobre Fomento Agricola é exactamente promover e custear estudos de obras hidraulicas e porventura a sua constituição, bem de louvar é a iniciativa do ministro.

Infelizmente uma pequenina desmarginação cambial sobre os trigos exoticos faria desaparecer o fundo que o decreto destina a aumentar os fundos do Fomento Agricola.

O problema é mais do que interessante: é capital, e á medida que o espaço nos permitir vamo-nos ocupando dele.

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

Condessa de Almedina, D. Adelaide Bacelar Figueira Freire, D. Branca Dias Costa e D. Maria da Pureza de Melo (S. Lourenço).

E os srs.:

Conde de Vila Real, Conde de Penalva de Alva, Conde de Carnide, D. José da Camara Leme, dr. João Taborda de Magalhães, Americo Ferreira dos Santos Silva, dr. Alfredo Iglezias Mendes da Silva, Manuel Souto de Almeida Rainha e Bento de Mendonça Parreira Amaral.

E depois de amanhã as senhoras:

D. Adelaide de Anciães Proença de Paiva, D. Maria da Graça Feio Folque de Magalhães, D. Luiza de Sá Paes do Amaral (Anadia), D. Fernanda Mousinho de Albuquerque, D. Mariana Amaral Ferrari e D. Ema Bandeira Coelho.

E os srs.:

Dr. Artur Ravara, Gaspar Lobo de Meneses (Paço de Nespereira), e João de Andrade Corvo Barroso da Camara.

Casamentos

Na magnifica capela da elegante residencia na praia da Granja, dos srs. condes de Alte e de Marim, a qual se encontrava artisticamente ornamentada, realisou-se ha dias o casamento de sua gentil filha D. Maria Tereza, com o sr. João Filipe de Melo Osorio de Menezes Pita, filho dos srs. condes de Proença-a-Velha.

Serviram de madrinhas as senhoras condessas de Arbelais e de Aurora, tia e prima da noiva, e de padrinhos os srs. marquês da Graciosa e Luiz de Melo Osorio, tio e irmão do noivo.

O acto foi celebrado pelo rev. prior da Anadia, amigo intimo da familia do noivo, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimonia religiosa, foi servido na magnifica sala de jantar um finissimo «lunch», partindo depois os noivos para o estrangeiro, onde foram passar a lua de mel.

Povoando as salas viam-se as senhoras:

Condessas de Proença-a-Velha, da Borralha, da Azambuja, da Aurora e de Arbelais, D. Constança de Mendonça, (Val de Reis e Loulé), D. Mariana, D. Maria do Carmo, D. Eugenia de Mendonça (Azambuja), D. Luisa e D. Emilia Proença-a-Velha, D. Maria de Assunção de Horta Guedes, D. Luisa de Melo Furtado Barata, D. Maria Alazabal (Arbelais) e suas irmãs D. Mercedes, D. Henriqueta e D. Dolores, D. Benedita de Castro Osorio, D. Julia Ameal Barata, D. Luisa Guedes, D. Valentina da Rocha e Melo, D. Mariana de Melo Sampaio, D. Maria de Lancastre Henriques, D. Amelia de Castro Ferreira de Lima, D. Isabel de Albuquerque, D. Maria Eugenia, D. Antonia e D. Maria de Natividade Guimarães Perestrelo, D. Maria Teresa Sá da Bandeira, etc., etc.

E os srs.:

Marquês da Graciosa, conde de Borralha, da Aurora e de Arbelais, visconde de Sá da Bandeira, conselheiro Jacinto Candido da Silva, D. Jaime, D. José Joaquim, D. Luis Alazabal, (Arbelais), D. José Morales de los Rios, Luis e Francisco de Melo Furtado, Luis Osorio, Aurejo Barata, D. Francisco del Castilo, Jorge Metelo, Manuel Pedro Guedes (Pangim). Sebastião Guimarães, dr. Manuel Pais de Sande e Castro, dr. Francisco Ferreira de Lima, etc., etc.

Na «Corbeille» via-se grande numero de valiosas e artisticas prendas.

Festas elegantes

Por ocasião das tradicionaes festas dos Remedios, o sr. marquez de Castelo Melhor oferecеu, na sua magnifica quinta da Varzea, aos oficiaes que tomaram parte no Concurso Hipico de Lamego, uma esplendida festa, a qual constou de descantes e danças regionaes por um rancho popular e fogo de artificio nos encantadores jardins do solar da Varzea, tendo tambum uma banda de musica executado um variado programa de concerto.

O aspecto dos jardins, que se encontravam artisticamente iluminados, era verdadeiramente deslumbrante.

Emquanto se realisavam nos jardins essas diversões populares, no vasto terrasse dançava-se com verdadeiro entusiasmo, tendo-se apenas interrompido pela madrugada, para ser servida na magnifica sala de jantar, onde brilham as pratas antigas, juntamente com os preciosos cristaes, uma finissima ceia.

Na assistencia notavam-se:

Madame Bonin, D. Lucinda Vale e filhas; madame Silveira e irmãs; marquez de Viceuses, Eduardo Burnay, dr. Afonso Malheiro, coroneis Cardoso e Mario Campos, major Amilcar Campos, capitães Ramos e Falcão, tenente D. Luiz de Melo, alferes Moraes Sarmento e Francisco Alpendurada; Antonio da Silveira, Ricardo e Fernando Vale, etc., etc.

O ilustre titular, sua gentil filha D. Helena e seu filho conde de Castelo Melhor, puzeram mais uma vez em evidencia as suas fidalgas qualidades de caracter, pela maneira como receberam, prodigalisando aos seus convidados inumeras amabilidades.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade elegante dará ámanhã «rendez-vous» de tarde nas «matinées» do Salão Foz, Chiado Terrasse e Cinema Condes e á noite no S. Luis e Apolo, onde respectivamente se representam as peças «O Gato Preto» e «As Pupilas do sr. Reitor», e depois de ámanhã de tarde nas «matinées» do Salão Foz e Chiado Terrasse.

Doentes

Em Coimbra sofreu há dias uma intervenção cirurgica a sr.ª D. Maria Luisa de Borja Trindade Pais Mamede, esposa do sr. Boaventura Pais Mamede, decorrendo a operação muito bem, sendo o estado da ilustre enferma satisfatorio.

Sua gentilissima irmã, sr.ª D. Maria do Loreto Manuel de Borja Trindade, tambem ultimamente tem passado bastante incomodada de saude.

Fazemos sinceros votos pelo pronto restabelecimento das ilustres enfermas.

Em viagem

Regressa hoje á noite á sua casa da Varzea, em Riachos, acompanhado de sua esposa a senhora D. Maria Cristina de Melo Manuel Bordalo Pinheiro Martins, o sr. Fernando Anjos Martins.

—Está na Figueira da Foz com sua esposa a senhora D. Virginia de Abreu Caroça o sr. dr. Manuel Caroça. Sua filha a senhora D. Fernanda de Abreu Caroça de Carvalho, esposa do ilustre clinico sr. dr. Fausto Lopo de Carvalho e seus gentis filhinhos tambem já aí se encontram. Seu marido partiu para o Gerez, donde deve regressar a Lisboa em meados do proximo mês.

—Para a Curia, partiu com sua esposa a senhora D. Margarida Borges de Almeida Rebelo e sua interessante filha D. Lidia, o sr. Fernando de Almeida Rebelo.

—Das Caldas da Rainha, partiram para a Figueira da Foz, as senhoras D. Claudina Franco dos Santos e D. Adelaide de Almeida.

—Do Gerez, regressou á sua casa em Salreu, Estarreja, o sr. dr. Antonio Augusto de Oliveira Pinto.

—Para Sernancelhe, partiu do Gerez, o sr. dr. João Serrão de Azevedo.

LIVROS NOVOS

"Canhenho dum vagamundo,,

por Ricardo Jorge

Transcreve-se o capitulo "O Separatismo,,

Ricardo Jorge, o mestre incontestado da lingua portuguesa, cuja pena castiça, vernacula, guarda as graças saudosas do Padre Manuel Bernardes, o sugestivo e o pitoresco de Fernão Mendes Pinto, a opulencia verbal de Antonio Vieira—acaba de reunir em livro, com o sugestivo titulo de «Canhenho dum Vagamundo» as suas cronicas de peregrinação pela Europa.

Bem andou o ilustre sabio, lume vivo das sciencias portuguesas em arrancar ao olvido da imprensa, as suas impressões tão frescas, tão coloridas, tão perfeitas de observação e de analise.

Do «Canhenho dum Vagamundo», que constitue um autentico acontecimento de livraria e um seguro exito de venda—arrancamos esta oportuna cronica sobre o separatismos das provincias espanholas.

O «Diario de Lisboa» presta assim com singela homenagem ao grande prosador, sr. dr. Ricardo Jorge.

Por Castela fóra, desfilam na mais morna apatía os montes e vales escalvados da chapada da meseta — diorama monotono, onde apenas, por trás das estações que passam, nos acenam as vilas famosas de antan, Alcalá, Guadalaxara, Siguenza, com as suas evocações historicas e padrões de arte. O rodado e o carril empurram-me sem cessar, não sei ao certo para onde, contanto que seja algures e longe. Mal vai a quem foge de si mesmo, esquecido de que vá para onde fôr, o acompanha o *tecum erras* inexoravel de Seneca. No poente da vida, felizes dos conformados que, descartados de vãs agitações, se preparam para o descanso final na pausa serena daquele intermezo tão caro á sabedoria moral da alma antiga ao desincarnar-se do mundo.

Na terra aragonesa os vales e as bacias forram-se mais de verdura. Do vagão contemplo o anfiteatro de Calatayud, tão pitorescamente escorregado das cristas fortificadas da montanha circundante, perfurada nas abas pelas habitações subterraneas do bairro da Mouraria; do seio do casario projectam-se nos ares os campanarios esguios, altos e pontudos como minaretes. Ha 18 anos que visitei esta vetusta e poeirenta cidade moirisca, perdida nos confins de Aragão e tão pouco pisada de estranhos. Não foi propriamente para divisar as amostras arquitecturais das suas igrejas, aliás de preço, e muito menos para preguntar pela guapa Dolores da cantiga pitoresca — *Si fueres a Calatayud, pregunta por la Dolores*... O que me levava ali, como parentesis duma caminhada saudosa lá de cima dos Pirineus a Saragoça, Barcelona, Monserrate e Valencia, era a visão do eclipse total do sol de 1905, porque em Calatayud passava a faixa estreita da ocultação de maior dura. Junto a mim estava então a alumiar-me um outro sol que me acalentou sem quebra desde a adolescencia á decrepitude, agora para sempre eclipsado em trevas. Corta o comboio a andar esta contemplação magoada, sumindo emfim as grimpas das torres — pontas do ciprestal onde jaz enterrada uma hora repassada de alegria e amor.

A linha ferrea e a linha argentea do Rio Jalon enleiam-se uma na outra como serpentes. De longe a longe, sobre as bacias lavradas e verdejantes, alguma povoa em aba de serra, carunchada de cavernas de habitação em socalcos, donde espigam torres altaneiras, á moda aragonesa, oitavadas e coroadas de ventanas. Descai o negrume a pouco e pouco sobre o feracissimo vale do Ebro, e é noite velha quando abordamos a Barcelona — *tout le monde descend*.

... ...

Trouxe-me a este escuso refego a curiosidade de diletante pela pleiade das igrejinhas de S. Miguel, S. Pedro e Santa Maria, que na sua singeleza e vetustez constituem documentos de primeira mão para a embriogenia arquitectural do romanico; e ainda por cima receptaculo duma joia do quatrocento catalão, o retabulo do primitivo mestre Huguet, onde S. Cosme e S. Damião, os patronos da medicina, estão pintados no acto operatorio de protese miraculosa duma perna amputada.

Seduziu-me esta calma de paraiso, tão ajeitada para penso de nervos ulcerados. Paraiso ainda a *fonda* hospitaleira, de aparencia tão modesta, que me agasalha num quarto confortavel onde o sol matinal doira risonho o pavimento de ceramica policroma, e que me ceva com a sua culinaria prestante. E' o caso de dizer, parodiando: debaixo duma ruim capa está um bom *comedor*. Ao saborear-lhe as iguarias, ao regalar os queixos com este pão dos anjos, sempre fresco todos os dias e a cada refeição, ao apreciar a bondade das viandas e das frutas neste hotel provincial, lembro-me compungido das munições de má boca da nossa faminta Lisboa. Se é verdade o aforismo de Brillat-Savarin — «dize-me o que tu comes e eu direi o que tu és» — decididamente estamos no baixo escalão das sociedades civilisadas, no tocante a mantença. Tudo seria neste retiro á maravilha, se não houvera agora o azevre cambial da peseta, corrosivo para os dedos e para as algibeiras do forasteiro.

O tramvia, celere e comodo, a cada passo nos convida a flainear em Barcelona onde o velho gotico dos monumentos religiosos e civis atrai com o seu cunho particular de torrão, e onde os modernistas se teem abalançado ás tentativas arquitecturais mais ousadas, num movimento de emancipação dos padrões sediços de cantaria, daquele estafado greco-romanoide que por toda a parte reina em remanencia fastidiosa. Sou dos que olham de bom grado os mestres catalães, até quando parecem extravagar. Não falo nos artistas do pincel, pois para esses só a cegueira dos que não querem ver, se não deslumbrará com os seus prodigios ao mesmo par impressionistas e expressionistas. Barcelona é um centro ateniense de arte e de toda a arte, da arte pura e da arte aplicada, do quadro, da estatua e da decoração.

Não se atravessa impunemente a *Rambla* e o *Paseo de Gracia*, á cata apenas de pedras e paineis que nos falem aos olhos e nos belisquem a estesia. O ar aqui anda sempre escachoado de ondas hertezianas despedidas pelos cerebros electrisados. Como a tampa duma panela de agua em ebulição, o solo barcelonês treme e vibra de continuo a sacudir convulsamente numa dança macabra a todos que o pisam. Endo-epidemias psiquicas lavram feramente na cidade e no povo, e faz pena ao forasteiro ver aquela tão formosa e este tão valido assim açoitados por pragas mais infandas que as do Egipto, porque se enraizam e devastam sem remissão e com agravo. A cidade condal na sua irritabilidade pelejante lembra pioradamente a cidade vernesca do doutor Ox.

O *secessionismo* é a mais antiga e a mais geral destas ideias excito-motrizes. Integrado na hegemonia castelhana, o catalão sonha, passados seculos, com os tempos doirados dos reis de Aragão e condes de Barcelona. Um, e dos melhores, lhe démos nós outr'ora, que residiu aqui no paço episcopal de 1464 a 66, o condestavel D. Pedro, o filho do heroi de Alfarrobeira, filosofo e poeta, escritor erudito que atraiu simpaticamente a pena da mestra D. Carolina Michaelis. Personalidade nobre e culta, tão acima do seu tempo e do seu meio que dele se desquitaram ingratamente a curto trecho. Das arremetidas contra a suzerania espanhola algumas foram tremebundas, sobretudo os *movimientos* belamente historiados pelo nosso D. Francisco Manuel de Melo, que neles tomou parte presencial e activa, num livro classicamente honrado na literatura espanhola — a guerra de Catalunha sem a qual, pela dispersão militar do governo filipino, não poderia certamente vingar a nossa restauração de 1640.

A Catalunha julga-se superior pela sua laboriosidde e progresso economico á gleba suzerana de Castela; por honra e proveito proprio quere viver para si e sobre si, rôta a adstrição a uma monarquia e um poder que sempre repudiou e combateu com toda a tenacidade. A estas expansões separatistas os tempos decorrentes não parecem dar o melhor azo. Os desequilibrios financiais não deixam á industria catalã outra desembocadura senão o mercado interno, aliás sempre o mais importante para o consumo dos seus produtos. Que seria das suas fabricas e oficinas, se, em vez de uma pauta proteccionista, a Catalunha secessionada fosse cingida duma aduana defensiva? E' a Espanha toda que contribue para a riqueza catalã, como freguez que lhe paga caro os artefactos.

A fobia anti-hispanica vai ao extremo de repudiar a lingua de Cervantes e Lope de Vega. Agora mesmo certo gremio barcelonês quere que nas escolas se aprenda primariamente o catalão e o francês; o castelhano passaria a terceiro lugar por favor ou desfavor. A lingua de Ausias March e de Guimerá é um idioma culto, grato aos nossos ouvidos pela vocalisação dos zês e jês que o castelhano preenche com vozes sibilantes e guturais, inusitadas pelas outras linguas romanicas, dando á loquela uma sensivel aspereza. Que a falem entre si maternamente na casa e na rua, que sirva regionalmente tanto uma literatura popular como uma literatura de arte, está bem, mas pretender substitui-la para efeitos nacionais e internacionais ao castelhano, uma lingua mundial consagrada, é uma presunção contraproducente. Este catalanismo ultra-linguistico lembra o flaminguismo dos belgas, e ambos incorrem na mesma pecha para quem os encare de fóra desapaixonadamente.

A pretensão chega a tornar-se importuna quando se exibe, por exemplo, na apresentação das peças dum museu; tal no de Antiguidades, onde algum raro cartel explicativo está impresso em... catalão e só em catalão. Diga-se de passagem que na secção dos quadros antigos, onde nos chamava a interessante série dos quatrocentistas catalães e aragoneses, apenas três ou quatro paineis gozam de tarjetas explicativas; o resto, inominado e inclassificado, nem numeros tem — uma singularidade em museus jámais vista!

O separatismo aproveitou naturalmente a ocasião de fazer taboleiro politico do campo desastrado de Melilla. Celebram-se comicios *pro-responsabilidades*. Quem terá culpa da catastrofe que feriu irremediavelmente os dinheiros, as vidas, e os brios da Espanha? Ora quem ha de ser?! O regimen reinante e quem o exerce. Assim se dirá e fará emquanto o mundo fôr mundo; lá dizia o outro do castiço proloquio português — «Faça o mal quem o fizer, quem o paga é a minha mulher». Treme o resplandor nas cabeças dos chefes politicos, sacode-se o proprio trono, e em jornal madrileno chega a lançar o pregão da abdicação da corôa a que o monarca ontem mesmo, aproveitando a cerimonia da inauguração duma biblioteca, responde num rasgo de brio cavalheiresco — «um rei de Espanha não deserta do seu posto!»

Esta miragem imperialista da moirama fronteira foi a nós quem primeiro cegou em longes tempos. Com que vaidade se não blasonava nos titulos monarquicos o senhorio dos Algarves de além mar em Africa! «Ruços além» — exclamava o Condestavel no conselho deliberativo da expedição de Ceuta; quando os velhos caudilhos assim se alucinavam, que fariam os novos de sangue na guelra? Quem tinha pulso duma cana e raça de cavaleiro, ia meter a sua lança em Africa — a metafora ficou como locução proverbial. Cara nos custou esta cavalaria de Amadises — rosario sinistro de desgraças, desde a tragedia prisional do Infante Santo em Tanger ao desbarato de D. Sebastião em Alcacer-Quibir. Glorias e quimeras que na balança da critica historica nunca farão ouro-fio na pesagem incomportavel da sangria de vidas e fazendas que quebrantaram para todo o sempre uma nacionalidade. Responsavel... quem o ha de ser senão o quixotismo peninsular — pense-se dele como Cervantes que o satiriza ou como Unamuno que o exalça.

Gil Vicente açulava mavortico a expedição de Azamor:

> Guerra! Guerra mui cruel!
> Que o gran rei Dom Manuel
> Contra Moiros está irado.
> Tem prometido e jurado
> Dentro no seu coração
> Que poucos lhe escaparão.

Pois escaparam e escaparam-se-nos. Camões pedia ás musas lhe dessem uma furia grande e sonorosa para atiçar a paranoia de D. Sebatião e atirar a fina flôr da cavalaria portuguesa á voragem dos areais de Marrocos. «De poeta e de louco todos temos um pouco» — nós todos da peninsula. A ultima arremetida agora esbarrou-se mais uma vez deploravelmente, como na passagem cervantina, nas asas do moinho de que são velas uns albornozes brancos. «Sant'Iago e aos Mouros» estrugiu como um arranco feliz para portugueses e castelhanos nas lutas seculares da reconquista, desde a guerrilha de Pelaio na brenha das Asturias até ao arraial de Isabel a Catolica, em Santa Fé no cerco de Granada. Das colunas de Hercules para lá, o grito falhou em cheio.

De nós portugueses, no campo onde para sempre baqueamos, restam para memoria o *aleu* dos governadores de Ceuta e as esboroadas muralhas das velhas praças de guerra: o que ficará da infausta entrepresa dos espanhois?!

NACIONAL Telef. N. 3049
TODAS AS NOITES
Agrado sem precedentes
O CABEÇA DE TURCO
O mais alegre espectaculo da actualidade

= APOLO =
Tel. N. 4129 — A's 21,15
As Pupilas do sr. Reitor
BREVEMENTE
Festa artistica de MARIA MATOS
1.ª representação do original português
RENASCER

TEATRO SÃO LUIZ
HOJE E TODAS AS NOITES
Confirma-se agora calorosamente o grande sucesso de ha 40 e 2? anos da celebrada peça fantastica em 3 actos e 16 quadros
O GATO PRETO
O enlevo das creanças — Linda musica — Deslumbrantes scenarios — Luxuosoguarda-roupa — Esplendida encenação — Maquinismos sensacionais — Brilhantes efeitos de luz — Magnifico desempenho — Preços populares — Geral 2$00

TEATRO AVENIDA
Hoje e ámanhã — ULTIMAS
A BICHINHA GATA
Terça-feira, 25 — 1.ª representação da opereta do dr. Julio Dantas e André Brun, musica de Filipe Duarte
A SEVERA

DR. VICTOR FONTES Retomou a clinica Consultas: ROCIO, 59-1.

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

ARTIGOS E INFORMAÇÕES — A Cidade — CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

O ultimo jornal dum Poeta

Escrevi o meu jornal, o meu jornal de emoções, talvez só interessante para a minha alma, entre as saudades duma partida e as alegrias dum regresso. E assim decorre toda a vida humana, assim decorrem todos os nossos sentimentos—entre o que parte e o que chega...

Agora, que o vou fechar, não por mim, mas pelos outros, mais sedentos de «fait-divers» do que de emoções, mais desejosos e habituados ás palavras do que aos sentimentos, agora que o vou fechar, tenho, bem perto de mim, para lhe dizer adeus, a tua voz que canta como a mais bela, a mais fresca, a mais pura fonte do mundo. Agora, que o vou fechar, tenho, bem perto de mim, a luz dos teus olhos, mixto de sol e luar, para lhe transmitir o ultimo reflexo de belesa—e o palpitar do teu coração, e a febre anciosa dos teus braços, a onda revolta dos teus cabelos negros, para lhe dar a ultima anciedade.

Tudo aqui passou—tudo que é eterno, tudo que Deus criou para ser visto pela alma. As colinas da Beira, os seus gados, os seus pastores, os seus almocreves, os seus pinheiros, os seus casais, as suas ermidas, tiveram, neste jornal de poeta, pela força dum imortal amor, a sua vida de eternidade. Humanisando a paisagem, essa paisagem de contraste, das grandes sombras e da grande luz, o teu vulto errava, perfumando o espaço, nas meias tintas da aurora, e nos sonhos misticos do crepusculo, como a mais perfeita creação de Deus.

Já tenho saudades deste jornal, deste jornal que finda, e onde a minha alma cantava, cantava, cantava, rouxinol do Calvario, sem o minimo temor dos judeus...

Já tenho saudades! Sentia-me tão bem, tão á vontade dentro dele!

E era tão sincero—que parece até que ninguem o lia...

Alves Martins

SORTE GRANDE
9447 em cautelas. 60:000$00
1696............ 20:000$00
10.642............ 6:000$00
vendido no cambista
PINA
Bilhetes á venda para a grande loteria do Natal 1.500:000$00
SEMPRE SORTES GRANDES
Pedidos a Costa, L.da
75, RUA DE S. PAULO, 77
Telefone C. 3.486 LISBOA

CAMBIOS

Dia 22

	Comprador	Vendedor
s/Londres, cheque	=	2 1/8
» 90 dias	=	=
s/Paris	=	1$470
s/Berlim	=	=
s/Holanda	=	9$630
s/Madrid	=	3$360
s/Bruxelas	=	1$241
s/Roma	=	1$115
s/Suiça	=	4$400
s/Suecia	=	=
s/Noruega	=	=
s/Dinamarca	=	=
s/Nova-York	=	24$870
s/Brasil	=	2$485
Rio s/ Londres	5 1/4	=
Libra esterlina	=	=
Agio do ouro	=	=

PROFETA EM BALEISÃO?...

Um novo Messias

futuro rei de Portugal

Um grande jornal é hoje o mais vasto, o mais torrencial escoadouro da Vida — essa vida halucinante das capitais modernas — enxurrada lobrega de torpesas, de heroismos, de gestos iluminados de belesa, de esgares goyescos do crime, de serapilheiras e de arminhos, de trevas e de auroras, de gritos arripiantes na sombra, de explosões fulgurantes de luz, de obscuras e silenciosas agonias.

Tudo vai rolando, levado na vertigem espumejante dos factos e das coisas — sem finalidade, sem termo, sem destino aparente, naquele eterno e estupido escoamento dos factos e das coisas, de que Nietzsche fez a base de toda a sua doutrina ultra-pessimista.

Mas pelo jornal — esse respiradorio, essa grande lucarna aberta para o ar livre — tudo passa, em lampejos subitos, em esgarçados gritos. O remoinho segue lá, em baixo, cachoante e maldito, tumultuando, fedendo, estrugindo, numa lama diabolica. E todos os que sofrem, todos os que penam, todos os que gemem sob o fardo inexoravel da vida, bocas sem vós para gritar ao sol, na praça publica, almas sem animo para aflorar á tona da tormenta e reclamarem, finquarem-se, resistirem, todos, todos os humildes, todos os miseraveis, todos os vencidos, é para essa grande ventana de jornal que olham, que apelam, suplicando, desabafando.

* * *

O sr. A. B. Mad...

Para quê o nome? Que importa ao caso sabê-lo?

E' um homem alto, ombros largos, robusto, á roda dos cincoenta anos, de grande calva socratica, a barba (já densa de oito dias) grisalhando, um par de pupilas garças, de indefenida expressão, faulhadas de fibrilas amarelas, fosforescentes.

Entrou-nos pela redacção, decentemente vestido, com todo o ar e a calma dum pequeno proprietario da provincia que viesse queixar-se-nos dum golpe de vigarista, á saida da gare do Rossio.

Engano!

Apresentou-se-nos com a maior correcção, entregando o seu bilhete de visita.

Tinha sido sargento de cavalaria, era agora pequeno proprietario e aposentado da agencia de um grande Banco numa terreola obscura, quasi desconhecida, sumida na vaga planicie alentejana.

Como as suas primeiras palavras fossem estranhas, interrogámo-lo, afectuosamente.

E com uma volubilidade inquietadora arrojou-nos logo de subito á face desprevenida, o objecto, o ponto vivo da sua reclamação:

— Que por intermedio do nosso jornal, nós prevenissemos todas as autoridades do mundo, de que ele, toda a sua familia, todos os seus conhecidos e amigos, e todos os homens com o mesmo apelido, estavam ameaçados de morte.»

Atirou-nos esta enormidade com uma confiança, uma sintaxe, uma tal rapidez, que compreendemos bem dever andar há muito, assim, construida, intacta, martelando-lhe a pobre mente com um sincronismo diabolico.

—Mas ameaças de quem? Tem recebido cartas?

—Não, meu senhor!... Sabe? Eu sou a entidade suprema do Universo. Sou igual ao Senhor Deus. E tenho ouvido vozes, dizendo-me *Tu serás o Novo Rei de Portugal... Porque tu és o mais competente, o mais honroso, o mais sabedor.*

—Sim, é de crer. Ninguem o pode duvidar.

—Pois bem!—e avivava-se-lhe mais o olhar, uns instantes amortecido.—Eu revoltei-me contra o Senhor Deus. Foi já ha muito tempo. Revoltei-me porque, sabendo que a Terra, as plantas, os animais, tudo é Deus, quiz fazê-lo sofrer, fazendo sofrer a Terra, as plantas, os animais... E cheguei a ser mau! Fiz grandes valas na minha horta, para a ver sofrer sem sem agua. Matei dois gatos e um cão. Mas hoje estou arrependido. E já pedi perdão ao Senhor Deus.

—Ficam-lhe muito bem esses sentimentos... E se Deus já lhe perdoou, não vejo que haja outra pessoa interessada em o matar.

—Pois aí justamente é que está! Como tornei a ouvir a voz de Deus, dizendo-me que eu seria o Novo Rei de Portugal, querem matar-me, a toda a minha familia, a todos os parentes, amigos e conhecidos, e todos os homens do mesmo apelido... Até á quarta geração! O senhor conheceu o Herodes—esse marau?

—Muito bem. Não conheço eu outra pessoa. E' o da Biblia ou o do governo civil—o que estrangula os inocentes que se estreiam como auctores dramaticos?

«O da Biblia, senhor; o da Biblia Sagrada! Quando soube que estava para nascer um menino que seria o Rei dos Homens, mandou matar os inocentinhos todos da Judeia, até aos dois anos.»

—?

«Já vê! Porque teve esse marau semelhante ideia? Porque era um tirano, e não lhe convinha que viesse outro, e filho de Deus, usurpar-lhe o logar, Assim estou eu—eu, a suprema entidade do Universo, egual a Deus, nomeado por Deus, Rei de Portugal, para dar o pão e a justiça a todos, para fazer a felicidade e o amor dos homens, para que não haja mais miseria, nem mais mortandades, nem mais lagrimas no mundo, e todos sejam honrados, e todos se acomodem nos seus logares, nos seus oficios, e não cubicem a mulher do proximo, e vivam no Reino da Terra como se deve viver no Reino de Deus...»

Como se fôsse exaltando, á medida que as palavras, em catadupa, inspiradas, iluminadas lhe saissem da bôca, démos a entrevista por finda, atalhando com amigavel promessa de acedermos ao que pedia.

Teve então, um gesto de fadiga, de fadiga mental. Aquela misteriosa engrenagem que á semelhança dum relogio desafinado, das molas e rodizios que se lhe degringolára, entre as paredes do craneo, num rapido, vertiginoso movimento em falso, parecia fazer-lhe doer a alma, abusá-lo de fadiga.

E cochichando-nos ainda á saida, que tinha entregado no Governo Civil, um requerimento, pedindo providencias, mas que ficára sem resposta, — lembrou-se de vir ao jornal para ser ouvido.

Partia confiado em que lhe fariam justiça.

E lá foi, escada abaixo, lento, pesado, calmo, com a mesma luz de inteligencia aflorando á tona das pupilas garças, faulhadas de fibrinas amarelas, fosforescentes...

* * *

Pobre iluminado, pobre profeta, pobre Messias de Balleisão!

Ha três seculos terias sofrido a mesma afrontosa morte dos teus irmãos em espirito, que foram o *Rei da Ericeira*, o *Rei de Penamacor*. Mas terias ficado na Historia, serias estudado como um sindroma etnico.

Ha vinte seculos terias sido talvez glorificado nos braços dum madeiro, ou ascendido nas altas labaredas duma fogueira, e adorado por Discipulos, prégado por Apostolos, idolatrado por milhões de publicanos e de vagabundos.

Hoje riem-se de ti, escarnecem-te, cobrem-te de irrisão, e emquanto a tua loucura mansa não esbraveja e não incomoda, negam-te o repouso que tão bem mereces... ali, lá no alto duma das sete colinas, deste bestiario de meio-milhão de egoismos.

"Presidente Sarmiento"

Largou hoje do Tejo ás 6 horas, a corveta argentina «Presidente Sarmiento».

Pelos teatros

Teatro Nacional

Pela publicação no «Diario do Governo» da portaria nomeando os artistas societarios do teatro Nacional verifica-se a exatidão da noticia que o «Diario de Lisboa» publicou em primeira mão dando aos seus leitores a nota do elenco do nosso primeiro teatro. Apenas o quadro dos contratados sofreu alteração, facto que se teria dado ontem, no momento de se assentar nos ordenados a distribuir, os quais, segundo o ultimo decreto, não podem sequer igualar-se com os dos societarios, cuja quota não exceda 7 e meio decimos, isto é, não podem ir além de 750 a 800 escudos. Tendo sido a sua proposta muito mais elevada e não a tendo a administração admitido, ficaram de fora os artistas Irene Grave e Jorge Grave, sendo a primeira substituida pela actriz Ofelia Brochado e não sendo o segundo substituido, porquanto ha necessidade de firmar contracto com Eduardo Brazão, apesar deste apenas dever entrar num limitado numero de peças. Calcula-se que a folha da companhia e empregados, dando de barato que os societarios venham a receber todos os meses as suas quotas de lucros, exceda a quantia de 35.000 escudos, sendo de crer que, por este facto, dado que as despesas gerais serão igualmente avultadas, o preço dos «fauteuils» atinge 15.000 escudos e o dos camarotes cêrca de 60,000.

«A Severa»

No Avenida efectua-se amanhã a ultima representação da revista «Bichinha Gata». Na proxima terça feira tem logar no mesmo teatro, a primeira representação da opereta «A Severa», original do dr. Julio Dantas e André Brun, tendo sido a peça distribuida aos artistas: Raquel Barros, Maria Santos, Maria Isabel, Honorina Cruz, Eugenia Coutinho, Angela Barros, Teodora Domingues, Julia Sá Pereira, Alves da Silva, Antonio Gomes (da Trindade), João Silva, José Vitor, Abilio Baptista, Henrique de Oliveira, Armando Machado, Pacheco, José Alves, etc. Os scenarios são de Reis, filho, a «mise-en-scene» de Pedro Cabral e a musica, que vai ser regida pelo maestro Luz Junior, original do maestro Filipe Duarte.

Atrás do reposteiro

No Apolo pode desde já fazer-se a marcação para o espectaculo do proximo dia 28 do corrente, recita da ilustre actriz Maria Matos e primeira representação da peça original de Mario Duarte e Valerio de Rajanto, «Renascer», cujos ensaios prosseguem activamente.

—Até á reaparição da companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, o Politeama fará a exibição de uma serie de «films» animatograficos de grande exito no estrangeiro.

—A estreia, no Aguia de Ouro, do Porto, da companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha, efectua-se no sabado, 29 do corrente, com a peça «A Garra».

—Respondeu á proposta que lhe foi feita pela empresa do Eden-Teatro para participar numa serie de dez recitas com a peça «O Chico das Pegas», o actor Nascimento Fernandes que, possivelmente, passará depois a fazer parte do elenco da companhia Satanela-Amarante.

—Embarcam ámanha, no Rio de Janeiro, no «Massilia», de regresso a Lisbaa, o ilustre empresario sr. José Loureiro e o actor Nascimento Fernandes.

—Está reorganizada a companhia Aura Abranches que, conforme estava determinado, se estreia no Sá da Bandeira, do Porto na primeira dezena de Outubro.

—Uma comissão está organisando o programa de uma récita de gala, que terá logar, no teatro de S. Carlos, no dia 5 de outubro.

—Aguarda-se a chegada, no final do mês, da sr.ª D. Virginia de Castro e Almeida, que vem organisar uma nova empresa fabricante de «films», de acôrdo com uma importante casa francesa do genero.

—Na récita do estimado camaroteiro Melo, que na proxima segunda feira se realisa no teatro Maria Vitoria com um programa atraentissimo, a distinta actriz-cantora Zulmira Miranda cantará o fado do «Adeus».

—Começaram hoje no teatro «del Centro» os ensaios do drama português, de João Fonseca, «O tratado secreto», traduzido para espanhol por Reinaldo Ferreira e posto em scena por Linares Becena. Os scenarios foram pintados pelo scenografo Bentila. O papel de «Lord Dervil» será interpretado por Rambol e o de «Li-Hung», criado em Lisboa por Jorge Roldão, foi confiado ao grande comico Leonardo e Aznar.

—Em festa artistica do maestro Luís Gomes a empresa Armando de Vasconcelos levará á scena na proxima epoca, a peça de Luís Caldeira e Henrique Lu[illegible]o «A Bruxa», premiada no concurso do Ateneu Comercial do Porto.

APOLO
BREVEMENTE
Festa de Maria Matos—O original de Valerio Rajanto e Mario Duarte Renascer
Desde já marcação de bilhetes

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

ARTIGOS E INFORMAÇÕES — A Cidade — CRONICAS E ENTREVISTAS

OS POBRES

A obra

benefica

das Juntas de Freguezia de Lisboa

Um programa minimo

de acção futura

Um dos mais interessantes e uteis ramos de actividade que as Juntas de Freguezia podem ter, é, incontestavelmente a Assistencia.

O sr. Ilidio Santos, presidente da Junta da Freguezia do Socorro, deu-nos algumas interessantes informações sobre o assunto:

—Antes de tomar posse, já a actual Junta tinha um vasto programa elaborado, sobre todos os assuntos em que tem intervenção directa, e muito principalmente sobre a Assistencia a dar aos seus paroquianos pobres. Dirigiu imediatamente uma circular a todos os paroquianos que, pela sua situação desafogada, pódem auxiliar os desprotegidos da sorte, e em especial ao Comercio, convidando-os a contribuir mensalmente com uma quota para a Caixa de Assistencia.

—O resultado desse apelo...

—Foi além do esperado, tendo os referidos paroquianos demonstrado bem os seus elevados sentimentos de benemerencia, pois a maior parte inscreveu-se imediatamente com quotas de 5 a 20 mil réis, o que nos permitiu iniciarmos a distribuição de donativos a creaturas que viviam na maior e mais cruciante miseria.

—Resolveu fazer ressuscitar os banhos gratuitos ás crianças pobres, fornecendo-lhes vestuario, calçado e chapeus. Os banhos serão na Cruz Quebrada. No final, ser-lhes-ha fornecido um pequeno almoço. Devem ter inicio em meados de Outubro.

A Junta está muito reconhecida á Sociedade Estoril que concedeu passagens gratuitas ás crianças, e em especial ao ilustre provedor da Assistencia, sr. Fausto de Figueiredo, que com o seu prestigio pessoal e o seu esforço conseguiu essa concessão.

—Tudo isto representa um incentivo para as crianças, a par da educação escolar.

E o sr. Ilidio Santos traçou-nos o programa minimo aprovado em reunião plenaria de todas as Juntas:

Organisação de cantinas, junto das escolas oficiais, destinadas a fornecer ás crianças pobres uma refeição, livros e vestuario; organisação da secção de mutualidade escolar, de acordo com os professores; estabelecimento de postos medicos para consultas gratuitas ás mães e crianças pobres, por freguezia ou por grupos de freguezias; organisação das «gotas de leite», ou seja o fornecimento de leite esterilisado ás mães pobres, em postos para esse efeito convenientemente montados; banhos de mar ás crianças, durante os meses de verão, dando preferencia ás que mais assiduas sejam na frequencia ás escolas; organisação duma intensa propaganda dos preceitos de puericultura por meio de conferencias, manifestos, folhas volantes, etc.

—Se os recursos materiais o permitirem, empenharemos o nosso esforço, com o auxilio de todos os componentes, na organisação de outras modalidades de assistencia. E, entre estas, especialmente, o estabelecimento de dois institutos, um para cada sexo, na nossa costa, destinados a recolher crianças que, depois da preparação adequada, e atingida a maioridade, sigam para as colonias portuguesas, onde lhes serão fornecidos terrenos, casa e os auxilios indispensaveis nos primeiros anos. Para a montagem e sustento desses institutos esperam as Juntas a colaboração material dos Altos Comissarios de Angola e Moçambique.

—Este programa...

—Foi apresentado pelo Conselho Central das Juntas a que me honro de pertencer e que é presidido pelo deputado sr. Bartolomeu Severino que o elaborou Em 5 de Outubro devem ser inauguradas as Cantinas, para o que muito contribuiu o chefe do distrito, angariando receitas.

Intendencia da Beira

Segue brevemente para Moçambique, afim de ir exercer o cargo de Intendente do governo da Beira, o capitão-tenente sr. Afonso de Carvalho.

DA NOSSA RAZÃO...

Atribulações

de um jornalista

sem assunto

Reportagem de uma reportagem infrutifera

Iniciou-se a semana com dois dias de chuva e logo acreditámos que terminára o periodo de veraneio — periodo de tortura para os jornais e os seus confeccionadores, porque os politicos se ausentaram e as noticias, velhas, decrepita, conservam-se, sempre as mesmas, por uma quinzena inteira... Mas hoje, a nossa espectativa foi cruelmente desmentida. Calcurriamos, durante duas horas folgadas, todos os locais mais ou menos suspeitos em que os informes se acoitam. E nada. Um sol carinhoso, sem as ardencias exageradas de Agosto, temperado pelas primeiras brizas do outono; mulheres gentis, a sensualisarem com a sua presença a monotona paizagem de bancos e banquinhos que a Baixa oferece aos que a transitam; alguns sujeitos, muito colados ás esquinas, aparentando um ar de quem se encontra em Lisboa ocasionalmente, para dissimular a escassez monetaria, unica rasão da sua permanencia anti-*smart*... E procuramos noticias. Persistentemente. Energicamente.

* * *

O leitor acredite: oferecemos-lhe este naco de prosa branca, porque Lisboa apertada, espermida, não despejou na escarcela da mendicancia jornalistica, uma gota de interesse.

Primeiro, fomos aos *cafés*. Corremo-los, um a um. Ninguem. Depois, a alguns *restaurants*, de certa categoria. Recorremos, ao fim, á Camara Municipal. A ilustre edilidade lisbonense constituiu — e na anterior vereação ainda em maior escala — um precioso reservatorio de energias para tonificação das gazetas anemisadas pela falta de assunto. Dispõe de uns assuntos especiais: — as obras do Rocio, que, infelizmente para nós, já concluiram, o aproveitamento do Parque Eduardo VII; a recolha dos barris do lixo, ao nascer ou ao pôr do sol, monumentosa questão, que preocupa ao mais alto grau, todo o lar «alfacinha» que se preza; as zaragatas com os electricos, etc., etc. E ainda um compridissimo rol de questões que, disso estamos absolutamente convencidos, serão, dentro de um seculo, a salvação dos «reporters» sem noticias e as delicias 'aquela fracção especial do publico, que ingenuamente acredita na existencia de tais assuntos... Pois fomos á Camara Municipal. E já levavamos engatilhado um autentico inquerito á vida da vereação, quando o continuo com quem parlamentamos, cortou cerce as nossas candidas ilusões:

—Não está cá ninguem. Nem um para amostra...

* * *

Estes golpes são sempre dolorosos e o regresso á serenidade levou alguns minutos. Um tanto refeitos, encarámos a Arcada como uma possibilidade. Mas os tempos em que o corredor pombalino era locar preferido para a reunião de creaturas interessantes, percebidas em politica, já passaram á historia. Mas dobrámos o cotovelo da rua do Arsenal, fomos projectados a dois metros de distancia por um galego que, com uma velocidade inicial digna de um obus de 42, saia com um grande embrulho ás costas, dos Correios em direcção á rua do Ouro. E, logo adiante, á porta do ministerio da Marinha, três marujos gingões olharam de lado para uma ramelosa vendedeira de uvas moscateis, dizendo-lhe um deles, em voz arrastada e fitando-nos intencionalmente:

—«Tás» bem bela para um «papo seco»...

* * *

Desiludidos e quasi desconsiderados, atordoados pelo calor e pelo movimento das ruas centrais, regressamos, em lamentavel estado de desmoralisação, ao local onde estamos colecionando estes farrapinhos de estilo. Varias taboletas no portal de um velho predio da rua Nova do Almada, depertaram a atenção, narcotisada pelo desalento: «Dr. Lelo Portela, dr. Carlos Olavo, dr. Pedro Pita»...

Oh! Salvação!... Três politicos — num só andar! Todos advogados, todos homens de Estado e todos com praça acente no Partido Nacionalista! Mas estavamos salvos. Absolutamente salvos! A convocação do Parlamento... O governo... As medidas de finanças...

Arquejantes, penetramos audaciosamente no escritorio onde os três politicos digerem mansagente as suas interpretações do Codigo Civil, Novissima Reforma Judiciaria e outras publicações similares. Logo topámos com uma joven assaz gentil e que, pacientemente, cuidava em dactilografar umas cartas muito compridas.

Pressurosos, interrogamos, num metal de voz o mais mavioso possivel:

—O sr. dr. Lelo Portela, está?

—Está... mas é na Curia.

—Então?

—Só regressa lá para o principio do mês.

—E o dr. Carlos Olavo?

—Lá para quinta feira...

Numa ultima, numa desesperada interrogação:

—E o dr. Pedro Pita?

—Daqui por uns dias...

* * *

E' claro que o leitor não tem nada, mesmo nada, com estes ossos do oficio que nós, com a ajuda do pedacinho de paciencia que Deus nos deu, vamos roendo pela vida fóra. Mas, de futuro, ao desdobrar um jornal, ao encarar indiferentemente os seus dizeres, a não ser que esta exposição lhe esqueça totalmente, ha de intimamente concordar comnosco que isto é oficio um tanto dificil de aturar...

Ordem publica

Foi posto em liberdade, Alvaro José Rodrigues Alves, travessa das Necessidades, que ha dias, conforme noticiámos, tinha sido preso pela P. S. E. acusado de ter entendimentos com os bombistas, o que se apurou ser falso.

—Por um agente da P. S. E. foi hoje preso José Filipe, rua do Sol ao Rato, 104, individuo de largo cadastro, que é acusado de andar ameaçando de morte varias entidades da policia, e por ser conhecido tambem como agitador.

Escola de Torpedos

Assumiu o cargo de 1.° comandante da Escola de Torpedos e Electricidade o capitão de mar e guerra sr. Aires de Sousa.

"Lawn-tennis"

Segundo noticias que recebemos, só ámanhã á noite chegam a Lisboa Mlle Suzanne Lenglen, o conde de Gomar, Eduardo Flaquer e José Morales, que veem participar nos campeonatos de «lawn-tennis» organizados pelo Sporting Club de Cascais.

Os campeonatos começam ámanhã com os jogadores portugueses e ingleses.

Na terça-feira, quinta, sabado e domingo jogarão já os tenistas estrangeiros que ámanhã chegam a Lisboa, esperando-se ainda que concorram os espanhois Henrique e Francisco Duclos e o francês Jean Borotra.

DE LUTO

Faleceu o capitão de fragata José Augusto de Lemos Peixoto.

O TEATRO

A peça

"Renascer,,

de Mario Duarte e Valerio Rajanto

O que nos afirma

D. Maria Matos

Maria Matos, quando nós aparecemos no seu camarim do Apolo para lhe ouvirmos a sua opinião sobre a peça *Renascer*, de Mario Duarte e Valerio de Rajanto, disse-nos logo de entrada, alegre e sorridente:

—A pouca sorte que os originais portugueses têm tido, nos ultimos tempos, talvez seja devida á escolha dos assuntos—que nem sempre conseguem interessar o publico.

—Mas a peça *Renascer*...

—Tem, quanto a mim, o valor de ser uma peça moderna, não procurando as esquesitices tanto em voga, antes focando uma fórma nova, e dando relevo a figuras reais do nosso

VALERIO DE RAJANTO

meio—o que facilita o publico a aguentar o assunto, e os artistas a integrarem-se nos caracteres.

—Uma peça modelo, por conseguinte?

—Deus me livre de o afirmar! O meu camarada Mario Duarte, cedeu o seu original, de colaboração com Rajanto, para a noite da minha recita e para poucas mais, visto estarmos em vesperas de partir para as ilhas...

—Qual o intuito da peça?

—*Renascer* tem intuitos moralisadores. Garanto-lhe que, sob esse aspecto, será uma *réunite* a noite da minha recita.

—Sob o ponto de vista teatral?

—Tem muito teatro, muita vida, muita acção—mas é-me impossivel prever qual seja o resultado scenico. O que lhe digo é que os artistas a quem confiei os papeis os estudaram com *afan*, de molde a resultar um harmonico desempenho.

—Os interpretes são...

—Abilio Alves, Palma, Penha Coutinho, Irene Gomes e eu.

—Gosta do seu papel?

—E' cheio de ternura, de verdade. De resto, adoro todos os papeis que tenham alma, que sejam humanos, como este do *Renascer*.

—E', pois, pelo teatro humano, pelo verdadeiro teatro?

—Como não hei-de ser por ele? O teatro é a representação da vida, embelezada, um pouco, pelo sonho.

—Mas as peças romanticas que tem levado...

—Sim, eu sei que não são bom teatro, que não satisfazem ás modernas exigencias dramaticas. Mas são tão portuguesas—embora romanticas! Comovem, não é verdade? Tudo que comove é humano.

Ia começar o ensaio. Deixámos o ilustre artista seguir para o palco, a dar vida ao *Renascer*.

Verfex

1 WATT

½ WATT

Á VENDA EM TODOS OS ESTABELECIMENTOS DE ELECTRICIDADE

GAZOLINA "Shell" PETROLEO

QUALIDADE SUPERIOR

Oleos combustiveis
Oleos de lubrificação

PEDIDOS A'

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.° L.TD

LISBOA	PORTO
Rua do Crucifixo, 49	246, Rua Mousinho da Silveira, 250

Banco Portuguez e Brazileiro

LISBOA

FUNDADO EM 1891

Telefones C. { Expediente: 531 / Direcção: 4308 } Telegramas—BRAZILEIRO

Codigos A B C, 4.ª e 5.ª edição e Ribeiro

Capital... Esc. 10:000.000$00
Reservas Esc. 10:400.000$00

FILIAL NO PORTO

PRAÇA ALMEIDA GARRETT

Agentes em todos os paizes

CORRESPONDENTES NAS PRINCIPAES PRAÇAS DO MUNDO

Depositos á ordem e a prazo em moedas portuguezas e estrangeiras

COMPRA E VENDA DE CAMBIOS

Cartas de credito e circulares sobre todos os paizes

Operações bancarias em todo o genero

RICAS MOBILIAS

Deslumbrante Exposição

Grandes e variados modelos de luxo, pelos preços antigos sem aumento
VENDAS SEM INTERMEDIARIOS

Economia de 20 a 30 %

Tudo quanto se faz de melhor, confortavel e chic, em todos os generos de mobilias nos estilos antigos e modernos
MAPLES em pele verdadeira—Bronzes de arte, etc.

A's pessoas de bom gosto e economicas impõe-se uma visita ao salão de vendas e oficinas da bem conhecida e acreditada

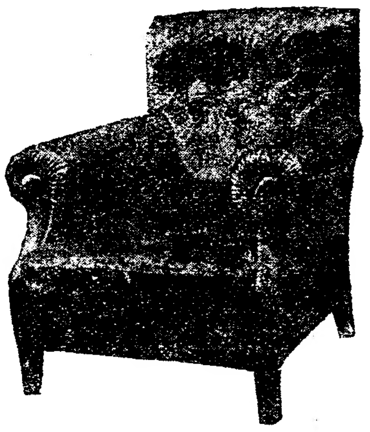
ANTIGA MARCENARIA DO DESTERRO

DO FABRICANTE PROFISSIONAL
MANUEL FILIPE DA SILVA JUNIOR
Rua do Desterro, 17 a 29

CONFORTAVEIS
GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.

MOBILIAS

GRANDE SORTIMENTO DE
CARPETES
A PREÇOS BARATISSIMOS



JOSÉ OLAIO & C.A (FILHO)

RUA DA ATALAIA 36 a 40—(Predio todo)

TEL. C. 3082

PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 2676

LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇAO

Artigos de escritorio — Material para desenhadores

—— PREÇOS MODICOS ——

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38
— LISBOA —

Fonsecas, Santos & Vianna

BANQUEIROS

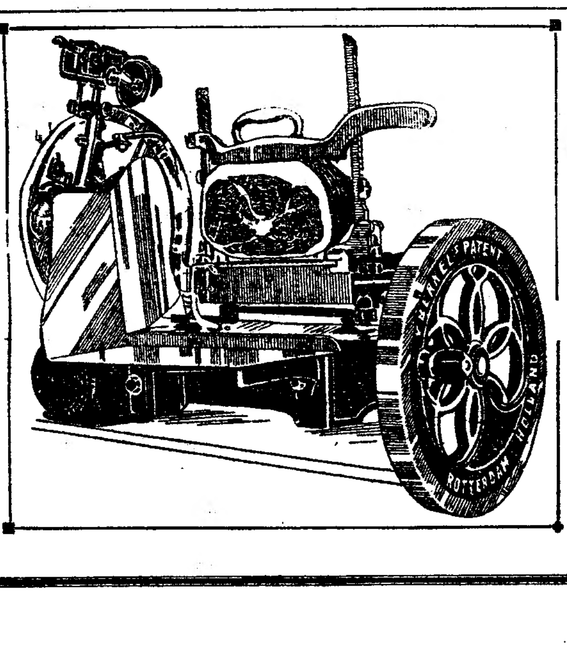
ESTABELECIDOS EM 1861

Rua do Comercio, 116 a 132

Telegramas: *SANVISE-LISBOA*

«BERKEL»

MAQUINAS PARA CORTAR FIAMBRE



J. Narciso, L.da R. dos Alamos, 7
Telef. 3121-N.

TEM PARA ENTREGA IMEDIATA:

AMOSTRAS GRATIS

DEPOSITARIOS
FIGUEIREDO & TELLES, L.DA
RUA ALVES CORREIA, 45, 1.º
TELEFONES 3156 e 3697-N
TELEGRAMAS: FITELES
LISBOA

VENDE-SE EM TODA A PARTE

MELINA

O MELHOR E MAIS EFICAZ MATA FORMIGAS
VENDE-SE EM TODA A PARTE
Deposito Geral
Fernandes, Almeida & C.ª, L.da
Rua do Largo do Corpo Santo, 10, 1.º

LITOGRAFIA COSTA & VALERIO

Fabrica de cartas de jogar

Especialidade em trabalhos de chromo e gravura

Poço Novo, 30 (aos Paulistas)

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

DAS 5 PARTES DO MUNDO ESTRANGEIRO DAS 5 PARTES DO MUNDO

DE MADRID

GREVE

geral
da imprensa
O jornal 'La Libertad,
foi publicado
com as paginas em branco.

MADRID, 22

A primeira edição do importante diario «La Libertad», dirigido por Orteyza e defensor de Alba, apareceu completamente branco, devido á censura. Na segunda edição apenas deixaram passar algumas linhas.

O tribunal militar encarregado de julgar Luiz Orteysa, director de «La Libertad», teve ordem para apressar os seus trabalhos.

O ilustre jornalista está acusado de entendimentos com o inimigo, porque conseguiu entrar no campo mouro pela zona francesa, entrevistar os chefes da rebelião, conhecer os segredos da derrota de Anual, falar com os prisioneiros e publicar depois cronicas sobre estes assuntos.

E' tambem acusado de ter enviado um redactor á Russia para entrevistar Casanelhas ácêrca do atentado contra Dato.

A Associação da Imprensa vai reunir e no caso de se realisar o julgamento está resolvida a fazer a gréve geral. —(R.)

A atitude
do jornal «La Veu de Catalunya»

MADRID, 22

«La Publicidad» que representa a Accion Catalana, ataca violentamente o jornal «Veu de Catalunya» porque este mostra transigencia com o governo militar. Houve um esboço de manifestação para victoriar «La Publicidad» e protestar contra a Liga, mas a policia dissolveu-a sem dificuldade.—(R.)

Uma ameaça
ao conhecido anarquista Llamas

MADRID, 22

O anarquista Llamas, organisador do Congresso Rural de Malaga, ao contrario do que se disse, não foi preso. Chegou esta manhã a Madrid. A auctoridade militar participou-lhe que o deixava em liberdade com a condição de ele conservar a maior passividade. No caso de ele intentar qualquer obra que desagrade ao governo, será castigado com o maximo rigor.—(R.)

Circular
que desmente um boato

MADRID, 22

O Directorio enviou a todas as legações, embaixadas e consulados uma circular na qual ordena que desmintam e persigam as atoardas dos jornais que insinuassem a ideia que o rei de Espanha estava conivente no movimento militar.—(R.)

O NOVO REGIMEN HESPANHOL

O texto

do manifesto
de Miguel Primo de Rivera
e o separatismo catalão

Uma frase, uma só frase, basta ás vezes para deliniar uma atitude, vincar uma mascara, *croquisar* um pensamento, pintar uma alma.

Primo de Rivera, capitão general da quarta região do Estado Espanhol, hoje presidente do governo militar, surge-nos assim retratado, superiormente retratado, ao tratar, segundo a sua propria expressão, do que ele designa «descarada propaganda separatista».

Descarada, porquê?

¿Porque ha, por exemplo, catalães, galegos e vascos que negam a unidade nacional da Espanha?

¿Porque um povo, o catalão, tendo perdido a liberdade, não perdeu, todavia, o orgulho nacional?

¿Porque a Catalunha, moderna, culta, trabalhadora e inteligente, a Catalunha-Nova, que Prat de la Riba ensinou, pela sua superior percepção e cultura, a alimentar á pujança da sua anciedade, — não deseja, não quere permanecer na mesma situação social e politica, antes pretende que se satisfaçam, harmonicamente, as suas aspirações?

¿Porque varios povos tendo adquirido a sua independencia espiritual, que é, em sintese, o cerebro do seu nacionalismo, — requerem a abstenção desta ou daquela fórma politica que os arranque e subtraia do estrebuchar de uma nação que a impericia dos seus generais tem vindo a sepultar?

Descarada, porquê?

Porventura não o afirmou já Altamira que «se ha catalães que neguem a unidade nacional de Espanha, esta negação é já por si só, um argumento contra a existencia de tal unidade?

Por outro lado, não tem os mesmos generais que ora constituem o governo — não recordando Weyler, o vencido dessa desastrosa guerra de Cuba, e o do quixotesco *passeio militar a Portugal*, e a que, agora, segundo o declarou o general Marina, cognominaram de *principe do exercito!* — experimentado toda a sorte de insucessos pelas armas?

Então, como compreender a sua capacidade politica e administrativa, se a militar, que deveriam encarnar e exercitar, não a possuem?

¿Como compreender que um rei constitucional, sancione um acto de rebeldia, ainda que alevantando o estandarte de «Viva España y viva el Rey!»; acto de rebeldia, no entanto, mal copiado — afirma-se — sobre o qual, dadas as circunstancias ocasionais, dificil se tornava formular uma opinião, que o podesse impôr á Nação?

Prat, o filosofo do nacionalismo catalão, a que já nos referimos e que o chefe do governo, Primo de Rivera, parece desconhecer, preconisa com uma clarividencia admiravel o desfecho da politica actual: toda *a imposição cria repulsão.*

Com efeito assim é.

Primo de Rivera em nosso conceito acaba de ferir, inconscientemente, a unidade de Espanha, vibrando lhe a mais profunda das machadadas pela instituição da ditadura militar — sempre perigosa — com seu caudal de repressões, perseguições, odios e pseudos-apuramentos de responsabilidades.

Conhecida a psicologia do povo de Castela não é tarefa ardua presupôr tais acontecimentos.

Encarnando no que topou de adaptavel, o *mussolinismo*, — daqui advem a distinção que toda a imprensa lhe tem encontrado — Primo de Rivera, começou desde logo a proclamar a mais feroz das repressões para aqueles que ousarem exteriorisar a sua anciedade, legitimamente humana, esquecendo-se de que os nacionalismos catalão, galego e vasco não poderão ser apagados ou destruidos pela sua tendencia universalista, e que, pelo contrario, a Espanha, fundada sobre a diversidade, exigiria uma outra e bem diversa solução para a politica conservadora, demasiado apatica do marquez de Alhucemas.

¿Para que afirmar, a fim de corroborar esta acepção, que tanto a Catalunha, como Valencia e a Mallorca, antes da sua integração no Estado Espanhol possuiam, exemplificando, pelo que respeita á lingua, os mesmos direitos de soberania que a lingua castelhana, pois que participava com o latim da oficialidade na vida publica interna e externa; que o seu direito civil, era um direito substantivo, tão comum, como o direito de Castela?

O que é evidente é que tanto a Espanha como qualquer outro Estado com identica origem, sem a coexistencia das suas forças espirituais, como ainda, sem a integração na sua politica daquelas virtualidades que lhe são necessarias, e que só, legitimamente, se pode adquirir atravez duma solução de concordia e harmonia, na qual se encontre o termo daquela luta nervosa e caustica entre uma nacionalidade predominante e outras que são apenas vitimas da sua soberania, — jámais poderá engrandecer-se diante da civilisação.

A hora é das esquerdas. Organisadas estas pela lição precipitada — se quizermos até admitir: honesta — do marquez de Estella, essa verdade primaria e fundamental, bastante apregoada, de que a lei de estrutura humana universal, é a lei das nacionalidades, facilmente reconstituiremos a carta politica da Espanha de ámanhã.

Em resumo: o fracasso do Estado unitario espanhol é evidente.

Nem o exercito, nem a marinha, nem a administração, nem os municipios, nem o ensino, nem a economia nacional, nem as instituições nacionais, nem a justiça, têm sabido dirigir-se para a sua respectiva finalidade, enaltecendo-se, enobrecendo-se.

A inepcia, tem ponderado.

E, o Presidente do actual Governo dentro da sua orientação catastrofica, só contribuirá — se aguardarmos — para uma mais desesperada situação. A não ser que a verdadeira natureza do nacionalismo catalão, como tambem do galego e vasco, que não é uma questão de Governo, progresso ou tradição, mas, essencialmente, de Patria, — se tenha desvirtuado, o que é incongruente e absurdo.

Desta maneira, eis como o marquez de Estella, ditador, será, indirectamente, o propulsor inconsciente da desarticulação da sua preconisada unidade.

Humberto Pelágio.

DE BERLIM

ESSEN

pagará
18.000 francos?
As tropas francesas
ocuparam ontem
o velho castelo de Manheim

BERLIM, 22

As autoridades militares francesas exigem da cidade de Essen o pagamento de desoito mil francos de contribuição diaria.

As organisações comunistas fazem novos esforços para proseguir a greve geral nos distritos industriais de Baden onde o movimento tomou incremento pelo seu caracter politico.

As tropas francesas acuparam ontem o Castelo de Manhein, ex-residencia da Grã-Duquesa de Baden.

O Conselho de Revisão de Dusseldorff confirmou a sentença de morte do estudante Raab.—(Especial.)

O encontro
entre Poincaré e Baldwin

LONDRES, 22

Emquanto a imprensa francesa, incluindo os proprios jornais da oposição, continuando a regosijar-se com o exito diplomatico de Poincaré na conferencia de quarta-feira com Baldwin, aumentam as duvidas em Londres sobre o progresso real, feito, se algum chegou a haver.

Nos circulos governamentais diz-se que o sr. Baldwin não pode ter pronunciado expressão alguma definitiva, comprometendo-se a ele ou a politica britanica.—(Especial).

A opinião
da imprensa francesa

BERLIM, 22

«The Times» diz que a conferencia Baldwin-Poincaré tem uma importancia similar á da visita do rei Eduardo VII a Paris, e a «Westminster Gazette» diz que o comunicado oficial da conferencia deixa os factos num profundo misterio.

Nota-se na atitude da imprensa francesa que sómente o «Petit Parisien» discorda, admitindo que nenhuma finalidade, mas sim principios geraes, foram discutidos pelos dois primeiros ministros, que colocaram frente a frente as teses dos dois governos, que diz continuarem divergentes.—(Especial).

1.250.000 vezes
aumentou o custo da vida

BERLIM, 22

Segundo a ultima estatistica, o custo da vida em Berlim aumentou de valor 1.250.000 vezes o que era antes da guerra.—(Especial).

Entero colite crónica — Seu tratamento
ESTORIL-TERMAS

TEATRO MARIA VICTORIA
(Avenida Parque Mayer)
HOJE — ás 20,45 e ás 22,45 — HOJE
Festa artistica do actor ARMANDO FERREIRA
e do ponto da companhia
2.ª representação neste teatro da imortal revista
De Capote e Lenço
A'manhã — DE CAPOTE E LENÇO

SAES «DERMOXA» suprimem todos os sofrimentos: *inchações, transpiração e calos.* — Vendem todas as farmacias e drogarias. — Depositario: M. Brandão, R. Eugenio dos Santos, 99

SCALABITANOS
Deliciosissimos licores! Soberba apresentação!
DEPOSITO GERAL Telef. C. 1196
RUA AUGUSTA, 70, 2.º

MAQUINAS DE ESCREVER
IDEAL
A mais completa, accessorios e reparações garantidas. Quintino Ltd.ª. Tel. N. 4225. ESCADINHAS DO DUQUE, N.º 3, 1.º (Proximo á estação).

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

AVENIDA PARQUE
Parque Mayer
TEATROS
VARIEDADES
CONCERTOS
TODAS AS NOITES

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

A POLITICA

A 4 dias

de Parlamento

Os projectos

do ministro das finanças

Faltam quatro dias, quatro curtos dias, apenas, para a abertura extraordinaria do Congresso.

Como já ontem dissemos, as medidas financeiras que o sr. Velhinho Correia tenciona apresentar são, irrefutavelmente, medidas de pêso... Mas quais serão elas?

Eis o que nos propunhamos, esta tarde, preguntar-lhe, aproveitando qualquer momento de boa disposição... ministerial. Todavia, sempre esta lei eterna a perseguir-nos: *o homem põe e Deus dispõe.*

O sr. ministro das Finanças não estava e, mesmo que estivesse, não podia receber-nos. Assim nos comunicou um dos seus secretarios—com quem, aliás, conseguimos trocar meia duzia de frases, que passamos, muito a galope, ao leitor.

—As disposições do sr. ministro...

—São de trabalho — trabalho constante. Das sete da manhã até á noite—um quarto de hora, de folga, apenas, para cada refeição.

—E as medidas a apresentar...

—São muitas—é o que lhe posso dizer nesse sentido.

—Quer dizer que têm caracter reservado a maior parte delas...

—Não senhor. E' que ainda não estão definitivamente elaboradas as respectivas propostas. Como lhe disse, o sr. ministro está trabalhando exaustivamente.

— A sua opinião sobre a abertura do Congresso? Ele crê na aprovação das suas propostas?

— O sr. ministro não pensa nisso, por emquanto. Trabalha e mais nada. O tempo urge, não é verdade?

— Com efeito, o tempo urge — repetimos, ainda na esperança de alcançarmos mais consubstanciosas informações.

— Com que então, um belo conjunto de medidas?

— Um belo e largo conjunto de medidas que o Parlamento vai ter ocasião de aprovar ou regeitar.

—Foram as medidas de finanças que influiram na convocação do Congresso?

— Sim, certamente que influiram. Mas não sei se influiram exclusivamente. E' possivel que outras medidas haja a apresentar, alem das apresentadas pelo sr. ministro das Finanças.

E foi tudo quando podemos saber da boca do secretario do ministro.

DUSE

está moribunda?

PARIS, 22. — Nos meios teatrais, corre a noticia de que, em Viena, se encontra agonisante a artista de universal renome Eleonora Duse, tendo-lhe já sido ministrados os sacramentos. — (Especial).

CINEMA CONDES

As estreias de ontem — Sensacionais «films»

As estreias de ontem no Condes obtiveram grande sucesso. O programa de hoje é deveras atraente.

O final do extraordinario «film» *Mãos de Arminho*», *Jornal do Condes* e *João Pechisbeque*, de grande valor dramatico.

UM ASSUNTO ETERNO

As miserias

do inquilinato

MEMORIAS SECRETAS

dum solicitador encartado

coalhadas de pessimas oleografias de casa de jantar da provincia, o sr. Borges de Castro, solicitador encartado, socialista descrente, amigo pessoal de Ramada Curto, secretario de varios ministros, vai puxando o fumo ao cigarro e as ideias á bôca.

Borges de Castro, no seu interior artistico, a que as oleografias dão releyo e gosto, ambos secundados por uma sanefa de pessimo veludo e de horrivel côr, confessa-se ao jornalista com toda a sinceridade.

O *film* desta conversa—é a lei do inquilinato.

Puzemos-lhe a faca aos peitos. Borges de Castro deixou-se assassinar, com um sorriso nos labios, emquanto a mão scintilante de joias pousava no seu cabelo negro, aza de corvo, que já tem feito varias felicidades intimas.

—Já ouvi falar na lei que remodela o inquilinato... Já ouvi falar, mas como por uma questão de metodo nunca leio projectos de lei, desconheço este...

—Nem mesmo profissionalmente dispensa á legislação os cuidados que ela merece...

—Só estudo as leis depois de estarem em vigor...

—E' uma superioridade...

Borges de Castro sorriu ambiguo.

—O decreto de 17 de abril de 1917, assinado por Antonio Granjo, se tem defeitos—e nada é perfeito neste mundo—tambem é certo que tem virtudes, jugulou muitas habilidades que por aí se faziam...

— Desapareceram essas para dar lugar a outras...

— Concordo... concordo... Mas deixe-me que lhe diga que se é vergonhosa a exploração que o senhorio faz ao inquilino, o contrario...

— Merece ser qualificado com o mesmo adjectivo...

— Pouca gente sabe com esta exploração se faz... Ha comerciantes que nas ruas do Ouro e Augusta pagam trinta escudos mensais pela renda dos estabelecimentos... e nos levam trezentos mil réis por um objecto que vale trinta vezes menos, com o pretexto de ocuparem um estabelecimento artistico...

— Verdades como punhos...

— Ha sujeitinhos que alugam um andar por trinta mil réis e sublocam parte, por 200.

— São o maior numero...

— São finalmente, certas creaturas que trespassam por dezenas de contos uma casa — a lei proíbe-o expressamente — cujo unico valor foi ter sido alugado nos bons tempos...

— Olhe que era facil apanha-los nas malhas da lei. Esses negocios são publicos... veem nos jornais...

— Tenho agora um caso interessante entre mãos...

— Explique-se...

—Há pessoas que alugam o mesmo quarto por pouca *permanencia* — vocabulo consagrado nas paginas dos anuncios — a três e a quatro pessoas ao mesmo tempo.

—Mas o que me diz a respeito da lei do inquilinato...

—Eu lhe digo. Não sou, infelizmente, proprietario. Sou, portanto, insuspeito. Entendo que o problema só se podia resolver actualizando as rendas de toda a propriedade urbana.

—Já está feita, em parte, essa actualização...

—Note bem. Não é multiplicar 2 por 5, ou 3 por 5.

—Então?

—E' ter a coragem de permitir a multiplicação, conforme a data do arrendamento e duração do mesmo por 4, 5, 10, 20 e até 25 se fôr caso disso...

—E o inquilino puder pagar...

—Louvado seja Deus...

— Na boca dum socialista...

—Se o merceeiro, o leiteiro, etc., multiplicaram o preço dos produtos que vendem...

—Os inquilinos que não exercem comercio... não devem sofrer aumento de renda...

—Perdão. Eu não sou partidario da elevação das rendas. Pretendo ser justo. Ponho esta interrogação:—Porque não ha-de reduzir-se, pela data do arrendamento, a renda a ouro, continuando depois a ser pagas nessa mesma especie de moeda ou na sua equivalencia?

E concluindo, o sr. Borges de Castro sentenciou:

—Por miseraveis gaiolas pagam-se rendas inconcebiveis. Mas ao desgraçado que tem um predio antigo, bem construido e com comodidades, dá-se-lhe o coeficiente de 2,5. E está com sorte.

«Resultado:—parou a construção civil em Lisboa. E o senhorio antigo, quando por milagre lhe vaga um andar, prefere deixa-lo com escritos a pagar contribuições fantasticas...

—Mas naturalmente o ministro da Justiça previu todas essas coisas no seu novo decreto...

—Oxalá que assim seja!

Um protesto de Evora

por o governo não auxiliar o seu hospital

O sr. presidente do ministerio, recebeu o telegrama seguinte:

EVORA, 22.—O povo de Evora, reunido em grande numero nos paços do concelho, lamentou que a comissão sua delegada não tenha obtido do governo os donativos indispensaveis á manutenção do hospital da Casa Pia. Em sinal de protesto, deliberou encerrar o comicio e paralizar as industrias. Segunda feira, ao meio-dia, serão apresentadas á autoridade, pedidos de demissão abrangendo todos os cargos de eleição e a administração das instituições de beneficencia.

Uma corrida de beneficencia

Em Setubal realiza-se ámanhã uma interessante vacada e garraiada, em beneficio do Sanatorio dos Correios e Telegrafos.

Lotaria de hoje

Numeros mais premiados

9447 ...	60.000$	5689 ...	10.00$
1696 ...	20.000$	6017 ...	1.000$
10642 ...	6.000$	6425 ...	1.000$
7557 ...	5.000$	7380 ...	1.000$
989 ...	1.000$	8989 ...	1.000$
1876 ...	1.000$	9427 ...	1.000$
2335 ...	1.000$	10163 ...	1.000$
3459 ...	1.000$	10928 ...	1.000$
4940 ...	1.000$	11137 ...	1.000$
5044 ...	1.000$		

ATLAS

A **Casa Atlas** acaba de receber novos tipos de calçado para homem na forma moderna **Presidente**

Rua do Ouro, 198

DE HESPANHA

O decreto

determinando

o manifesto

dos generos de necessidade

MADRID, 22 — O general Aizpurú, comandante geral do Exercito de Africa, partiu esta manhã para Marrocos, tendo tido uma despedida afectuosissima a que assistiu o Directorio Militar.

Um dos assuntos de que o Directorio vai ocupar-se é o vencimento das obrigações do Tesouro. Fala-se insistentemente em consolidação. — (Diario de Lisboa).

MADRID, 22. — O «Boletim Oficial» publica hoje uma disposição do governador civil de Madrid, Duque de Tetuan, obrigando os armazenistas de assucar, batatas e ovos, a apresentarem, no praso de dois dias, declarações juradas das existencias, sob pena de pesadas sanções.

Por ordem tambem do Duque de Tetuan, teem-se feito rigorosas inspecções aos estabelecimentos de carne de vaca, pão e assucar. Já foram aplicadas varias multas de 500 e 1.000 pesetas.

Esta atitude do governador civil tem sido muito bem acolhida pelo povo. Os jornais incitam-no a colaborar na execução das referidas medidas. — («Diario de Lisboa»).

Marrocos

e os jornais politicos

MADRID, 22 — Na reunião do Directorio Militar, apenas se tratou da questão de Marrocos.

O jornal La Prensa, *afecto ao Marquês de Alhucemas, suspendeu a sua publicação até terminar o estado de guerra, declarando que o Marquês e Sanchez Guerra que se encontram em Hendaya não abandonarão a politica. — (Diario de Lisboa).*

Maura

e o pronunciamento

MADRID, 22. — Maura declarou a um jornalista que a sua atitude de hoje é a de sempre, e não ha, portanto, necessidade de fazer qualquer nova afirmação.

Disse apenas que a acção politica dos cidadãos é indispensavel e que a sorte da Espanha depende da atitude do povo espanhol. (Diario de Lisboa.)

A toque

de corneta...

MADRID, 22 — O general, sub-secretario da Guerra, Bermudez de Castro, ordenou a todas as secções dependentes do seu ministerio que os funcionarios, civis ou militares, só poderão saír á hora de acabar o serviço, depois dum toque de corneta. — (Diario de Lisboa).

MARIO MONTEIRO

ADVOGADO

Encarrega-se de qualquer assunto e dispõe de agentes no Brasil

Consultas das 10 ás 12 e das 15 ás 17.

Telef. 5432 — Norte

R. Gremio Lusitano, 40, 1.º—(«Jornal da Europa»

VENANCIO GUIMARÃES

A SITUAÇÃO DE ANGOLA

Para a historia do reinado de Norton

Factos e comentarios

Á venda em todas as livrarias

DEPOSITARIA:

Companhia Editora PORTUGAL-BRASIL

58, CHIADO, 60

LISBOA